

pp. 211-221). Poderia, claro, enriquecer esta tão completa proposta a inclusão de índices remissivos complementares, notadamente, onomástico e bibliográfico, localizando autores convocados e obras citadas, e temático ou terminológico, listando e balizando temas e subtemas apresentados. Merece o último destaque o extraordinário cuidado havido no manuseio das línguas presentes, sobremaneira da língua grega.

Perlustrado o volume, congratulamo-nos com o notável resultado de aturada e rigorosa leitura da poesia grega contemporânea acicatada pela(s) crise(s), que responde magistralmente aos desafios dos estudos neo-helénicos, e saudamos a iniciativa de publicação.

Joana Catarina Mestre da Costa

joanamestrecosta@ua.pt

ORCID: 0000-0001-8611-0267

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38167

Maria Mafalda Viana, *Figuras do Mito*, Lisboa, Tinta-da-China, 2022, 279 pp. [ISBN: 978-989-671-670-7].

Figuras do Mito é o volume que reúne um conjunto de penetrantes, conquanto transversais, reflexões sobre figuras (e respetivas (re)configurações ou mesmo transfigurações) da mitologia clássica que Maria Mafalda Viana primeiro ideou para partilhar com o (grande) público por ocasião do homónimo ciclo de conferências apresentado, em Lisboa, no “Âmbito Cultural” do El Corte Inglés, em 2019 (ciclo que, ao longo destes anos, se tem oportuna e felizmente repetido, não sem que se reconfigurasse ele próprio também, e cujo seguimento mais recente coincidiu com uma apresentação em Gaia, entre maio e junho deste ano de 2024).

O “Âmbito Cultural” do El Corte Inglés, enquanto iniciativa de promoção cultural junto de públicos alargados (e, portanto, especializados ou não), convidou a filóloga a um discurso cientificamente comprometido, mas, a um tempo, desprezioso e nítido, narrado e aliciente, ora espalhando-se em deliciosos detalhes (da Antiguidade, mas também da contemporaneidade) ora cingindo-se ao âmago, destacando-o. Este era, à partida, um desafio superado, dada a experiência acumulada de Maria Mafalda Viana com os ciclos de conferências da sua responsabilidade no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, e que remontam ao empreendimento “Literatura e Humanidades” de Vasco Graça Moura e a

2013 (especialmente, o segundo desses ciclos em que radica ancestralmente *Figuras do Mito*).

Desta sinergia, advinda, por um lado, da matriz e do matiz oral das conferências, por outro, desse público plural e vários dos ouvintes que elas tiveram, surge este livro filológica e discursivamente preciso, desafetado, encantatório, em que a autora, qual Ariadne, confia ao leitor esse fio que o há de guiar pelos meandros de um labirinto (não menos complexo e intricado que o cretense!) que é o da mitologia clássica. Nas suas *palavras prévias*, Maria Mafalda Viana clarifica ao leitor que não se fará um périplo por “toda a mitologia greco-latina”, da qual se apresentará “uma amostra da sua imensa teia complexa”(p. 8). Opção compreensível, tanto mais quando o índice permite logo perceber encontrar-se bem representada essa teia – da tradição cretense, com Ariadne, aos ciclos lendários tebano e troiano, com Édipo e Ulisses, respetivamente – e quando a reflexão que se deseja partilhar almeja a “reavivar na memória alguns traços que marcam a nossa identidade europeia de portugueses, particularmente visíveis na literatura e nas outras artes, mas também, em muitos casos, no nosso dia-a-dia”(p. 9).

O livro principia, pois, com *Algumas palavras prévias* da autora, das quais se serve para esclarecer a génese de *Figuras do Mito* e opções várias, de forma e de conteúdo, que a ele haviam de conduzir e, outrossim, para gratular as oportunas e tão necessárias iniciativas do âmbito das humanidades. Destas *palavras prévias*, irrompe Ariadne, revela-se à porta do labirinto cretense, senhora num tempo remoto de convivência entre micénicos e minoicos, mas que alcança tão além dele, chega até ao presente – não há como o leitor não se sentir guiado.

A *Introdução* divide-se em duas partes: uma primeira, titulada “*Abertura em Sophia*”, situa, inequivocamente, o leitor no presente, só para o desafiar a desfiar o passado, começando em Homero, fundador e percussor, (para o ler, transfigurado na sua limpidez, em tantos outros, em Virgílio, em Camões), começando pelo *mythos*, primordial, criador e *corporizador*, (para o ver transfigurar-se em *mito*); uma outra, titulada “*As Figuras do Mito*”, convida o leitor à abertura de espírito que lhe permita divisar cada *figura* nas suas múltiplas “modelações” (para que, logo, aponte o étimo da palavra), a partir de um original grego que se vai (re) configurando pelo contágio com a cultura latina, com o legado judaico-cristão, com a história europeia, com a civilização ocidental e, *pari passu*, modelando também uma cosmovisão.

O cerne do volume está organizado em seis capítulos, que apresentam e analisam as representações de algumas figuras em grande plano, destacando-as da teia, sem descartar a teia, e procurando esclarecer as interseções entre a

cronologia mitológica e a cronologia histórica: o primeiro capítulo, *Ariadne. O fio de Ariadne* (pp. 57-87), e o segundo, *Ariadne. Antes e depois de Catulo, (Virgílio) e Plutarco* (pp. 89-134), estendem-se, em conjunto, por 75 páginas, dedicadas à tradição cretense (e à sua receção de 3500 anos) centrada nas figurações de Ariadne (no fascínio e nas irresoluções que ainda impõem); o terceiro capítulo, *Ulisses. Um herói familiar* (pp. 135-167), e o quarto, *Ulisses. Partindo de Homero...* (pp. 169-201), tomam, ambos, 62 páginas, dando a primazia ao ciclo troiano através da figura de Ulisses (que se não desenreda da de Penélope, nem da nossa geografia, com a “ressonância” de *Vlixes em Olissipo (Vlissipo)*); o quinto capítulo, *Édipo. Édipo, Ulisses, Prometeu* (pp. 203-240), aduz, em 37 páginas, o ciclo tebano, destacando Édipo (das reconfigurações primevas às transfigurações mais recentes, sobretudo depois de Freud); o sexto e último capítulo, *Ninfas, nereides e o gigante Adamastor* (pp. 241-272), fechando o círculo, conduz o leitor, por 31 páginas, aos mitos originais e criadores, cosmogónicos e teogónicos, aquém do próprio ponto de partida, e às suas (re)leituras.

Enriquece esta viagem pelas *Figuras do Mito* a omnipresença de um cuidadoso labor filológico das fontes clássicas (sempre aduzidas, apresentadas em tradução), bem como da receção que delas houve na literatura portuguesa (sobretudo, embora não exclusiva) e, por vezes, até noutras expressões artísticas, como a pintura, a escultura, a música, o cinema, ou na filosofia (e, até, na psicologia).

Maria Mafalda Viana não apenas interpreta, como, efetivamente, convida e conduz o seu leitor até às fontes literárias, greco-latinas e modernas. Logo na introdução, lê-se Sophia, o *Antigo Testamento*, Vasco Graça Moura, Camões, Sófocles, Homero, Platão, Aristófanes, Virgílio, Dante. Em *Ariadne. O fio de Ariadne e Ariadne. Antes e depois de Catulo, (Virgílio) e Plutarco*, o leitor descobre Ovídio, Plutarco, David Mourão-Ferreira, Sophia, Vasco Graça Moura, Catulo, uma tabuinha de argila cretense, Homero, Frei Pantaleão de Aveiro, Virgílio, um mosaico romano numa tumba tunisina, Umberto Eco, Dante. Em *Ulisses. Um herói familiar e Ulisses. Partindo de Homero...*, a autora propõe perscrutar as palavras de Ovídio, Camões, Martim Codax, Homero, do *Antigo Testamento*, de Xenófanes, Vitorino Nemésio, Garret, Vasco Graça Moura. Já em *Édipo. Édipo, Ulisses, Prometeu*, apresenta-se o texto de Hesíodo, Virgílio, Jean Cocteau, Jean Anouilh, Píndaro, da inscrição délfica, de Sófocles, Nietzsche, Aristóteles, Ésquilo. Finalmente, em *Ninfas, nereides e o gigante Adamastor*, o leitor encontra Camões, Dante, Catulo, Apolodoro, Sophia, o *Hino Homérico a Afrodite*, Hesíodo, Ovídio, Virgílio.

Todas estas leituras são convocadas para *Figuras do Mito* em citação direta, somando-lhes as fontes primárias em citação indireta (cujas coordenadas para

a localização dos excertos precisos comumente se encontram fixadas com escrupulosa exatidão) e os demais estudos mencionados pela autora, de John Chadwick a Frederico Lourenço, e dilata-se significativamente a galeria. Além disso, impressiona a amplitude das sugestões, acompanhando a extensão do público e as *nuances* variegadas do conhecimento que este detém, pelo que Kaváfis, James Joyce, João de Barros, Miguel Torga, Italo Calvino, Natália Correia convivem com Walter Benjamin ou com Hergé ou, ainda, com Rubens ou Vieira da Silva ou com Hofmannsthal ou Strauss ou com Tornatore e todos com Gilles Deleuze ou Eduardo Lourenço ou com Freud.

O volume encerra com as referências bibliográficas (pp. 273-276) – tripartidas em edições de texto grego e latino (pp. 273-274), edições de textos modernos (pp. 274-275) e outra bibliografia citada (pp. 275-276) –, agradecimentos (p. 277) e uma breve nota biográfica da autora (p. 279). Poderia, claro, enriquecer esta proposta a inclusão de índices remissivos complementares, notadamente, onomástico e bibliográfico, localizando autores convocados e obras citadas, e, eventualmente, de ilustrações, compilando e localizando a arte plástica aduzida. Ademais, a inclusão de uma nota explicitamente indicativa da opção da autora pela norma ortográfica precedente seria pertinente, dada a abrangência do público leitor. Merece o último destaque o tratar-se, efetivamente, de um livro “graficamente bonito”, como, certamente, começou por apresentá-lo Manuel Curado, na ocasião do lançamento, em Lisboa, no mês de maio de 2022.

Figuras do Mito mantém firme o propósito de partilhar com todos “a alegria do conhecimento” – expressão feliz de Vasco Graça Moura que a autora convoca para as palavras de abertura da obra (p. 8) e que, perlustrado o volume, percebemos terem nele absoluto cumprimento – e o seu propósito vê-se dilatado, agora, pela muito recente e tão pertinente inclusão deste livro no Plano Nacional de Leitura (datando do primeiro semestre de 2024). Pessoalmente, congratulamo-nos com esta leitura, tão rigorosa e esclarecedora quanto despojada e sedutora, que responde magistralmente aos desafios de um mundo arredado, mas sedento de literatura e de humanidade(s), ao oferecer, neste trânsito entre o mito e a história, uma bússola civilizacional ou um fio capaz de nos guiar neste labirinto. Muito saudamos, pois, tanto a iniciativa de publicação quanto o justo reconhecimento.

Joana Catarina Mestre da Costa

joanamestrecosta@ua.pt

ORCID: 0000-0001-8611-0267

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38170